

Por que a psicanálise não é uma pseudociência? Sobre as novas bases epistemológicas da psicanálise

*Why is psychoanalysis not a pseudoscience?
On the new epistemological bases of psychoanalysis*

*¿Por qué el psicoanálisis no es una pseudociencia?
Sobre las nuevas bases epistemológicas del psicoanálisis*

Érico Andrade Marques de Oliveira



<https://orcid.org/0000-0003-4956-7713>

RESUMO:

Introdução: A discussão sobre o caráter científico da psicanálise persiste ao longo desses mais de cem anos de seu surgimento a partir da obra de Freud. O próprio Freud sustentou que a psicanálise era uma ciência. No entanto, a psicanálise ganhou novos contornos e em geral abandonou a cientificidade como o seu ponto central. **Objetivo:** Neste artigo quero mostrar que isso afasta a psicanálise de um status de pseudociência e nos convida a pensar a sua base epistêmica em novas abordagens epistemológicas. **Método:** Para realizar essa tarefa, farei uma discussão do artigo de [Ferreira CMC](#), que sustenta que a psicanálise é uma pseudociência, a fim de mostrar os seus limites epistêmicos e semânticos. **Conclusão:** Mostrarei que a psicanálise é uma forma de conhecimento teórico e clínico que se associa a uma filosofia do desejo, cujo desenrolar se foca numa análise hermenêutica do modo como organizamos a nossa economia libidinal.

Palavras-chave: psicanálise, epistemologia, ciência.

ABSTRACT:

Introduction: The discussion about the scientific character of psychoanalysis persists throughout these more than one hundred years of its emergence from the work of Freud. Freud himself maintained that psychoanalysis was a science. However, psychoanalysis gained new

contours and generally abandoned scientificity as its central point. **Objective:** In this paper I want to show that this moves psychoanalysis away from a status of pseudoscience and invites us to think about its epistemic basis in new epistemological approaches. **Method:** To accomplish this task, I will discuss the article by [Ferreira CMC](#), which argues that psychoanalysis is a pseudoscience, to show its epistemic and semantic limits. **Conclusion:** I will show that psychoanalysis is a form of theoretical and clinical knowledge that is associated with a philosophy of desire whose development focuses on a hermeneutic analysis of the way we organize our libidinal economy.

Keywords: psychoanalysis, epistemology, science.

RESUMEN:

Introducción: La discusión sobre el carácter científico del psicoanálisis persiste a lo largo de estos más de cien años de su surgimiento a partir de la obra de Freud. El mismo Freud sostenía que el psicoanálisis era una ciencia. Sin embargo, el psicoanálisis ganó nuevos contornos y, en general, abandonó la científicidad como su punto central. **Objetivo:** En este artículo quiero mostrar que esto aleja al psicoanálisis de un estatus de pseudociencia y nos invita a pensar su base epistémica en nuevos enfoques epistemológicos. **Método:** Para cumplir con esta tarea, discutiré el artículo de [Ferreira CMC](#), que argumenta que el psicoanálisis es una pseudociencia, para mostrar sus límites epistémicos y semánticos. **Conclusión:** mostraré que el psicoanálisis es una forma de conocimiento teórico y clínico que se asocia a una filosofía del deseo cuyo desarrollo se centra en un análisis hermenéutico de la forma en que organizamos nuestra economía libidinal.

Palabras clave: psicoanálisis, epistemología, ciência.

Como citar: Oliveira EAM - Por que a psicanálise não é uma pseudociência? Sobre as novas bases epistemológicas da psicanálise. Debates em Psiquiatria, Rio de Janeiro, 2022; 12:1-19.
<https://doi.org/10.25118/2763-9037.2022.v12.283>

Conflito de interesses: declaram não haver.

Fonte de financiamento: CNPq - Bolsa em Produtividade em Pesquisa PQ-2

Parecer CEP: não se aplica.

Recebido em: 03/03/2022

Aprovado em: 28/05/2022

Publicado em: 31/05/2022

Introdução

Em recente artigo, [Ferreira CMC](#) retoma uma acusação clássica à psicanálise [[1](#)]: ela seria uma pseudociência. Esse debate já tinha sido levado a cabo por Popper [[2](#)] e agora ressoa na figura de alguns teóricos a partir dos quais [Ferreira CMC](#) enseja continuar a tarefa de demonstrar que a psicanálise é uma pseudociência. Com esse intuito, ela faz um artigo de revisão da literatura crítica da psicanálise e se apoia nos critérios de Stven Ove Hanson [[3](#)], que elencam os fatores por meio dos quais se pode identificar uma pseudociência, para mostrar que a psicanálise se porta como uma ciência, mas na verdade esconde um viés não apenas dogmático como, em certa medida, enganador – como procedem as doutrinas pseudocientíficas. Ela pretende, em suma, recuperar em alguma medida um critério da demarcação para estabelecer uma fronteira clara que reputa a psicanálise para a região das atividades pseudocientíficas.

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar uma crítica ao artigo de [Ferreira CMC](#) e, ao mesmo tempo, indicar outra base epistêmica para a psicanálise. Ele se estrutura em dois pontos: 1) Pretendo mostrar um déficit epistemológico com qual opera o artigo de [Ferreira CMC](#), posto que ele não dialoga com outras literaturas epistemológicas, em cujo centro estão outros critérios de validade para a cientificidade de um conhecimento. 2) Num segundo momento, vamos mostrar que a psicanálise em geral não pretende mais ser uma ciência, como de algum modo desejava Freud [[4](#)], conforme ficou patente com os estudos de Paul Assoun [[5](#)] e Benilton Bezerra [[6](#)].

Por conseguinte, se não pretende ser uma ciência, a psicanálise não poderia ser considerada uma pseudociência. Isto é, a questão da cientificidade da psicanálise não é decisiva para a prática clínica, mas isso não desautoriza a validade epistêmica da psicanálise, porque existem outras epistemologias possíveis. Por fim, e em correlação com este último ponto, sustentaremos que a psicanálise pode ser pensada sob uma perspectiva hermenêutica, em cujo foco está uma narrativa de si que toma

como hipótese o fato de que não temos pleno controle de nossos próprios desejos. Essa compreensão projeta a psicanálise para um saber cuja base epistêmica não se assenta no modelo metodológico das ciências duras, mas exige outros modelos epistemológicos sob os quais podemos assentar a psicanálise como uma filosofia do desejo.

Com isso, as exigências que a crítica de [Ferreira CMC](#) faz não se aplicam à psicanálise como não se aplicam a outras formas de conhecimento que são respaldadas pelos efeitos performáticos nas singularidades dos indivíduos e não por um quociente padrão, responsável por produzir um ordenamento biológico e, portanto, metrificável. Ou seja, a falta de complexidade com relação à própria noção de certeza e em relação às diversas bases epistêmicas sobre as quais se assentam os conhecimentos humanos, leva [Ferreira CMC](#) a afirmar apenas aquilo que é o seu espelho, a saber, um modelo epistemológico de matriz popperiano.

Para a presente empresa tomarei como hipótese que as evidências com as quais a psicanálise opera não são do âmbito do que pode ser positivamente apresentado como um dado observacional. A minha tese é de que a psicanálise é um saber que se estrutura de um duplo modo. Por um lado, como uma teoria social que denuncia as formas pelas quais a economia dos afetos move as ações humanas; por outro, como uma atividade clínica que serve de orientação para que as pessoas conheçam os seus desejos e as consequências de mantê-los recalçados.

Nessa perspectiva, o artigo tem duas etapas que se entrelaçam: 1) Apresentarei as lacunas, que consideramos centrais, no artigo de [Ferreira CMC](#) e que se referem à sua concepção tradicional de ciência; 2) Sustentarei que a validade do conhecimento psicanalítico não se encontra nas bases epistemológicas das ciências da natureza ou das ciências duras, mas no modo como ela pode ser útil na elaboração de nosso sofrimento sem o recurso a instâncias transcendentais.

Parte I - Pluralismo epistêmico: a psicanálise sobre uma nova perspectiva

De certa forma, o coração do artigo de [Ferreira CMC](#) é atrelar a validade da psicanálise ao seu compromisso com as evidências empíricas, o que pressupõe dois pontos: 1) Que o critério de validade da ciência é uniforme e está subordinado ao teste empírico; 2) Que a linguagem se reduz, no âmbito científico, à representação, isto é, o artigo de [Ferreira CMC](#) se

compromete com uma teoria referencialista do significado conforme a qual o significado de uma proposição está subordinado à possibilidade daquilo que ela asseve poder representar um estado de coisas no mundo, isto é, uma proposição. Como, por exemplo, “a água ferve a partir de 100 graus centígrados” só possui sentido porque o que ela asseve pode ser verificado no mundo. A análise deste último ponto servirá de passagem à parte subsequente do artigo.

Esses dois pressupostos são irmanados, um depende do outro. Eles surgem, do ponto de vista da história da filosofia, de modo coincidente, o que ficou claro com o surgimento do Círculo de Viena. Para essa escola filosófica, a validade de uma proposição está subordinada à capacidade que ela possui de ser testada [Z]. Embora discorde em alguns pontos do Círculo de Viena, Popper mantém a tese de que a validade de uma proposição está subordinada à capacidade que ela guarda de ser testada e, mais especificamente, falseada. Ou seja, Popper abandona a tese de que a validade das proposições da ciência está subordinada à sua possível confirmação, que é corrente no Círculo de Viena, para adotar a de que o critério de verificação do sentido de uma proposição científica deve ser a falseabilidade. Ou seja, as teorias científicas não se caracterizam pelo fato de que as suas proposições podem ser confirmadas mediante testes, mas que elas podem ser falseadas por meio de teste.

De toda forma, ele mantém tanto a ideia de que a linguagem só tem sentido porque ela representa um estado de coisas no mundo; isto é, Popper tanto inscreve a validade de uma proposição no campo semântico do referencialismo como mantém igualmente a tese de que a ciência se define por seu compromisso com a experiência ou com as evidências empíricas. Lembrando que para uma teoria referencialista do significado uma proposição só pode ter sentido quando ela é capaz de expressar um estado de coisas no mundo. Ou seja, para que uma afirmação ganhe sentido é necessário que ela possa espelhar um estado de coisas possível no mundo.

Assim, não está em jogo condicionar o sentido de uma proposição (afirmação) à verdade do seu enunciado, mas à possibilidade daquilo que ela asseve ser verdadeiro ou falso. Proposições como, por exemplo, “Deus existe” não podem ser verdadeiras nem falsas, porque elas não expressam algo que poderiam ser verificados no mundo como verificamos, para recuperar o exemplo que forneci acima, a temperatura a partir da qual a água ferve.

A própria [Ferreira CMC](#) reconhece [1 p.5-6] que a filosofia de Popper já não oferece critérios suficientes para uma demarcação do que seria propriamente a atividade científica, mas que a sua filosofia, segundo ela, ainda se mostra em algum sentido insubstituível. Por essa razão, ela recorre ao filósofo Sven Ove Hansson para manter firme o projeto de Popper de denunciar o caráter pseudocientífico da psicanálise. Ela, desse modo, abandona o critério da falseabilidade, mas nutre grande esperança de que é possível um critério para uma demarcação clara, cuja precisão poderia colocar a psicanálise para o lado das pseudociências.

Com efeito, a crítica à filosofia de Popper não está apenas sobre a dificuldade do exercício do critério de falseabilidade ou mesmo sobre o uso da indução nas ciências, mas na própria noção de que as proposições da ciência em geral devem ser testadas. Quine [8], por exemplo, em seu famoso artigo "Os Dois Dogmas do Empirismo" já tinha demonstrado que um dos dogmas centrais do empirismo, tradição na qual a filosofia de Popper está inserida, é subordinar a cientificidade de uma teoria à testagem de suas proposições particulares. Quine mostra que apenas na periferia do seu sistema ou de uma teoria é que a ciência toca a realidade no sentido de ser confrontada com ela. Isto é, a ciência é uma teoria (uma gramática) que explica o mundo sem que todas as suas proposições sejam de fato abertas ao teste empírico. Isso ocorre porque a ciência é uma espécie de gramática que articula conceitos para oferecer uma imagem possível do real sem necessariamente instanciar, como acentua mais recentemente Fraassen [9], cada um dos seus elementos teóricos na forma de um dado empírico.

Dessa forma, a recorrente exigência de que todas as proposições da psicanálise sejam testadas (isso percorre todo o texto de [Ferreira CMC](#) e está presente em quase todas as páginas) ou que a maior parte delas passe por um teste empírico, esbarra num limite no interior da ciência porque desconhece aquilo que Quine chamou de caráter holístico das teorias científicas. Isto é, nem todas as proposições da ciência confrontam a experiência. Na verdade, apenas uma parte é passível de evidências empíricas. A menor parte. E isso de modo nenhum torna uma teoria menos científica.

Se nem mesmo as ciências da natureza testam a totalidade de suas proposições, por que se exigir isso da psicanálise? Mais gravemente, se acompanhamos o empirismo construtivo de Fraassen [9], nem todas as entidades teóricas precisam ser instanciadas na realidade para que a teoria

como um todo seja válida. Ou seja, a validade de uma teoria não tem como fator único ou principal a testagem de suas proposições, uma vez que parte delas sequer são testáveis e muitas vezes só passam por teste décadas depois. Nesses termos, a exigência de evidências empíricas não pode, como sugere o texto de [Ferreira CMC](#), ser um critério suficiente para demarcar a fronteira que expulsa a psicanálise das ciências, nem muito menos servir de critério para torná-la uma pseudociência.

Com efeito, para manter a sua denúncia [Ferreira CMC](#) recorre a uma lista de sete critérios com os quais ela acredita que pode determinar o caráter pseudocientífico da psicanálise. Esses critérios estão presentes na obra de Sven On Hansson [[3](#)]. Não vamos repetir os sete critérios aqui. Todos eles envolvem de algum modo uma exigência de testagem que reaparece, como conceito, em mais de um dos critérios.

As dificuldades com a testagem já foram aqui explicitadas. Isso, contudo, não significa que a teoria psicanalítica esteja pronta (como de fato, aliás, estão as pseudociências, que já se constituem como uma doutrina com os seus devidos dogmas), definida e acabada antes do embate com a experiência.

Notadamente, não se trata de recorrer ao que o artigo chama de “Credo da Autoridade”, que é uma forma tácita de reafirmar que a psicanálise recai no argumento da autoridade, mas de compreender que na história da psicanálise, como aliás acontece com as teorias científicas em geral, como nos ensinou Thomas Kuhn [[10](#)], os conceitos são configurados e reconfigurados de acordo com a experiência clínica. Ou seja, ajustar a teoria ao experimento é algo recorrente na história da ciência. É justamente esse caráter revisável da clínica psicanalítica que garante que as interpretações não sejam selvagens ou tentem a todo custo enviar uma narrativa sobre determinado sofrimento a partir de um compromisso com uma única teoria psicanalítica. Por isso, a autoridade reside na relação das teorias psicanalíticas com a experiência clínica e não nas pessoas de Freud ou Lacan.

É nesse contexto que mesmo que a replicação seja, como diz a autora, um dos processos mais centrais das ciências empíricas [[1](#) p.12], isso não significa que todas as formas de lidar com o fenômeno humano precisem possuir replicações segundo o mesmo modelo das ciências da natureza. O que a psicanálise em geral propõe é que certos padrões de conflito (como aqueles presentes nas relações familiares) atravessam os nossos processos de subjetivação. Esses conflitos se repetem em diferentes

contextos e na clínica não se trata de replicar os conflitos de modo artificial, mas de estabelecer orientações, na forma, sobretudo, de questões, para o modo como relatamos para nós mesmos os impactos desses conflitos psíquicos em nossas vidas. Como diria Hume [11], não é possível reviver um afeto com as ideias, isto é, não podemos reproduzir como um afeto nos impactou em determinado momento do tempo. Por isso, não se trata de replicar um afeto, o que é um contrassenso, mas de compreender como a imagem de um acontecimento (um fantasma) permanece nos afetando de diferentes modos. O que está em jogo não é a replicação de uma situação que não existe mais, mas como certas imagens que construímos ao longo da vida nos afetam continuamente, ainda que de diferentes modos.

Por conseguinte, não tem sentido replicar a experiência, como se se tratasse de repetir uma experiência em laboratório, porque o foco da clínica não está reduzido ao padrão de comportamento socialmente corrente, mas na forma como determinada subjetividade lida com os conflitos. O pressuposto epistemológico da psicanálise aqui é fortemente econômico, no sentido de que se trata de um saber que não se compromete com tantas entidades teóricas nem com a existência de objetos que seriam impossíveis de ser, de algum modo, verificados. O que a psicanálise pressupõe é que existem conflitos com as pessoas com as quais convivemos e que eles são responsáveis por formar nosso processo de subjetivação enquanto sujeitos.

Por essa razão, o que está em jogo na clínica não é a comprovação de que a teoria psicanalítica consegue dar conta de todos os conflitos subjetivos humanos. É preciso dizer que Freud não explica tudo e nem poderia, uma vez que o objeto da psicanálise é uma espécie de sofrimento que está ligada à forma pela qual nos subjetivamos em meio a conflitos familiares. O desafio não é tomar a psicanálise como uma espécie de teoria capaz de explicar todos os sofrimentos subjetivos, mas como uma teoria que nos ajuda a elaborar os conflitos que nos constituem no seio das relações familiares ou das relações de cuidado.

Ademais, a própria variação de paradigmas da psicanálise (Mezan [12] e Loparic [13]) mostra que a psicanálise não demonstra um “desdém com informações refutantes” [1 p.18], posto que essa variação expressa inadequações de certas aplicações teóricas a determinados casos clínicos. Ou seja, diferentes gramáticas conceituais são mobilizadas para mapear formas de lidar com conflitos, que se enraízam em nossas vidas psíquicas sem que tenhamos pleno controle. Isso ocorre porque nem sempre um

modelo psicanalítico consegue se adequar a um determinado caso clínico. As teorias psicanalíticas seguem, diferentemente de uma pseudociência, modificando-se, de acordo com as demandas da clínica.

Com efeito, não se trata de uma refutação de toda uma teoria por conta do reconhecimento de certas de anomalias (tomando o termo de Kuhn emprestado) que poderiam ser detectadas na prática clínica. As diferentes teorias psicanalíticas mostram que há diversas abordagens possíveis a respeito de determinados casos clínicos, e que é no setting analítico em que se avalia qual é a melhor linha de abordagem para orientar uma pessoa a lidar com determinados conflitos.

O critério da psicanálise é de adequação à experiência singular do paciente e não a correspondência com uma realidade objetiva, como expresso por uma teoria referencialista do significado, conforme a qual seria possível para cada caso, relatado na clínica, estabelecer uma correspondência biunívoca com uma proposição teórica e, em seguida, infirmar ou confirmar uma teoria. Em outras palavras, não é preciso que cada conceito da psicanálise tenha um corresponde clínico para todos os casos ou para todos os sofrimentos. O que está em jogo não é uma identificação de cada proposição teórica da psicanálise com um acontecimento na vida psíquica do paciente, mas o modo como paciente lida com o relato que faz a respeito do seu próprio desejo a partir de intervenções clínicas, calcadas em teorias psicanalíticas.

A linguagem perde em compromisso com uma espécie de referência direta, muito presente nas ciências duras, para ser entendida naquilo que ela pode performar na existência quando a sua gramática oferece pistas para lidarmos com alguns conflitos e com o sentimento de culpa. Lembrando que a linguagem entendida como performance significa dizer que ela não representa um mundo, mas que ela, de certa forma, cria o mundo ou tem poder de criar uma situação no mundo como nos ensina o famoso exemplo: "Eu vos declaro marido e mulher". Esse proferimento inaugura um estado de coisas no mundo, que é o matrimônio. No caso da psicanálise, a linguagem com a qual o paciente relata o seu sofrimento influencia neste, porque à medida que vai discorrendo sobre as razões do seu sofrimento, o paciente vai ganhando consciência do que lhe fez sofrer.

O erro de avaliação de [Ferreira CMC](#) repousa na compreensão da teoria psicanalítica no quadro de uma teoria referencialista do significado. Com isso, fica claro que a exigência de subordinar a validade da psicanálise à metodologia das ciências duras ou, nas palavras da autora, "às

metodologias empíricas e sistemáticas” [1 p.15] desconhece as diversas formas de ofertar bases epistemológicas para as ciências de modo geral, assim como mostra desconhecer outras teorias da linguagem que podem conferir validade às proposições ou afirmações da psicanálise. O ponto é que a epistemologia não reduz a variações do modelo popperiano. Nesta questão, é importante discutir agora a psicanálise sob novas bases epistêmicas.

Parte II - Psicanálise: afinal, o que é isso?

O objetivo do texto de [Ferreira CMC](#) é, sem dúvida, desqualificar a psicanálise como uma forma de cuidado mental. Essa é razão pela qual ela a exige que se sustente no mesmo modelo metodológico da psiquiatria, porque, como se refere ao comportamento humano, a psicanálise não poderia estar isenta dos testes aos quais supostamente estão submetidas as ciências empíricas, dentre as quais, a psiquiatria [1 p.15].

Na seção anterior, mostramos que o modelo adotado por [Ferreira CMC](#) não é o único para se definir o que é ciência, muito menos o que seria pseudociência. Com efeito, há algo que a própria autora reconhece e precisa ser sublinhado aqui. A psicanálise, em geral, não pretende ser científica, muito provavelmente no mesmo modelo em que Freud acreditava que ela poderia ser. E isso, contudo, não se trata de uma fuga do debate, mas da constatação de que diferentemente das pseudociências que se estruturam como doutrinas e, como tais, não encontram razões para serem alteradas ao longo da História; a psicanálise, na maioria de sua prática clínica, entende que o compromisso com a linguagem como performance a projeta para uma espécie de validação epistêmica que não se inscreve no mesmo horizonte da psiquiatria. A psicanálise se inscreve num horizonte de uma prática clínica que se orienta pela compreensão, relato e elaboração do sofrimento.

O presente espaço não seria suficiente para mostrar porque a psicanálise em geral abandonou o projeto de ciência que Freud aventou de modo mais claro e contundente no seu Projeto de um Psicologia Científica. Efetivamente, a teoria psicanalítica não tem se comprometido com o projeto de uma ciência natural, mas se mantém firme como uma clínica e como uma teoria social. O que é importante aqui é ressaltar que o abandono parcial desse empreendimento não indica uma suspensão da contribuição da psicanálise como uma teoria social, nem muito menos um arrefecimento de sua clínica. Ele apenas indica que o conhecimento pode

ser validado, socialmente validado, por meio de recurso a outros critérios, que não apenas a testagem empírica de cada uma das proposições de uma teoria.

Iniciamos a presente parte do artigo pelo alcance da teoria psicanalítica como instrumento de crítica social que, de algum modo, o texto de [Ferreira CMC](#) reconhece na mesma proporção que afirma que o fato da psicanálise circular nos corredores da universidade não atesta a sua cientificidade. De fato, não se segue a cientificidade da psicanálise pelo fato de ela ser um instrumento usado em diversas áreas do conhecimento, mas apenas que imaginemos que há um engodo generalizado. É difícil não reconhecer que isso é um indicativo de que não trata simplesmente de uma pseudociência, e vamos argumentar agora por quê.

Freud compreendia que haveria uma continuidade entre as pessoas e a cultura. Nesse sentido, os seus escritos sobre a cultura perfazem um escopo do que se constitui como um conjunto relevante da teoria psicanalítica [14], de sua gramática, como podemos dizer. A ideia fundamental de Freud é que os conflitos humanos envolvem afetos sobre os quais nem sempre temos controle ou pleno conhecimento. Há uma espécie de economia libidinal ou do desejo que estrutura as relações sociais e familiares em torno de alguns pontos, dentre os quais, o patriarcado.

É nesse ponto que é possível estabelecer uma primeira constatação de como a teoria psicanalítica se enraíza nas teorias sociais. Um dos lugares comuns das teorias sociais é que parte importante das grandes civilizações se estruturam num paradigma patriarcal. O modo como os arranjos psíquicos se desenlaçam numa cultura patriarcal são elucidados quando se recorre a argumentos da psicanálise, por meio dos quais entendemos como os afetos circulam e como a sua economia dita as normativas sociais, seus códigos morais para sermos precisos [13].

É com essa compreensão que inicialmente a escola de Frankfurt recupera a teoria psicanalítica no Instituto de Ciências Sociais, com a qual aquela escola segue se renovando, sem nunca deixar de lado o legado da psicanálise [14]. Foi graças à psicanálise que leituras foram fomentadas no interior da tradição marxista, não apenas na Alemanha, mas em outros países nos quais as ciências sociais entenderam que a psicanálise orienta os estudos sobre a forma como as diferentes sociedades lidam com a economia dos afetos. Com a psicanálise se pode entender como os afetos promovem a coesão de alguns grupos e como eles movem as pessoas a determinadas atitudes [15]. Para essa compreensão, conceitos da

psicanálise freudiana, como identificação e projeção, são usados para explicar como as pessoas formam uma massa que se identifica com o líder. A formação da massa ocorre no nível inconsciente, sem que as pessoas tenham, portanto, plena consciência dos seus atos.

É importante notar que a psicanálise também é empregada por teóricos da cultura e da sociedade de diferentes tradições como, por exemplo, Paul Ricoeur [16] e Judith Butler [17]. Conceitos como narcisismo, culpa, e a hipótese do inconsciente, são mobilizados para compreensão das relações de poder na sociedade e, em especial, na História. Isto é, a psicanálise não se inscreve apenas numa dimensão marxista, como aquela desenvolvida pela Escola de Frankfurt, mas a sua gramática conceitual é recuperada em outras teorias sociais que visam explicar as relações de poder do ponto de vista da organização da vida inconsciente. A teoria psicanalítica é usada pelas ciências sociais porque os estudos sociais não podem se pautar apenas no que o sujeito declara de modo consciente, mas nas relações de poder – sujeição, como diz Butler [17] – que estão muitas vezes no nível inconsciente.

Não se trata de afirmar que a psicanálise está no mesmo nível epistêmico das ciências humanas, mas apenas que a sua gramática (os seus conceitos e parte da articulação entre eles) é usada pelas ciências sociais em diferentes domínios sem prejuízo para a cientificidade das ciências sociais. Assim, embora o inconsciente seja uma hipótese de trabalho para explicar a vida psíquica do ser humano em geral, ela é aplicada de acordo com o contexto histórico no qual estão os sujeitos.

A psicanálise ajudou as ciências sociais a compreender, em determinados contextos, as motivações sociais tácitas de certos comportamentos, a despeito dos sujeitos nas suas respectivas individualidades sustentarem o contrário. Ela permite uma fotografia do modo como os afetos circulam socialmente sem precisar recorrer ao que cada indivíduo afirma sobre si mesmo. Um exemplo lapidar disso é como a psicanálise pode ajudar na orientação do entendimento de que nem todos os afetos enunciados por um indivíduo correspondem à gama de afetos que sustenta a sua crença. Por essa razão, nas diversas análises sobre a psicologia dos movimentos autoritários, o fascismo, por exemplo, o texto de Freud “Psicologia das Massas e Análise do Ego” é citado com uma referência inequívoca [18]. Ou seja, mesmo que a hipótese do inconsciente se remeta à clínica, ela serve para explicar fenômenos sociais por uma perspectiva psicanalítica.

É evidente que isso não livra a psicanálise de assumir, na figura de alguns conceitos ou teorias, posturas “obscurantistas” como [Ferreira CMC](#) nota [1 p.23] e poucas abertas ao diálogo. Guardamos um acordo quanto a este ponto. No entanto, nem mesmo as ciências duras, em seus primeiros séculos de consolidação, estavam isentas de conceitos extremamente vagos ou obscuros para sustentar algumas de suas principais teses.

Nesse ponto, é importante sublinhar que a epistemologia não pode ser pensada dissociada da história da ciência pelo fato de que a ciência nunca está pronta e acabada, posto que se trata de um processo. Assim, é possível entender, por exemplo, que o recurso à ideia de Deus em cientistas como Newton não desautoriza a física newtoniana, mas a forçava a rever algumas de suas bases e conceitos. Nem conceitos como o flogisto, que se estendeu por décadas como uma explicação razoável de certos fenômenos e que se mostraria completamente equivocado, são capazes de retirar a cientificidade de certas teorias. A História mostra que a ciência está longe de ser linear e homogênea.

Com isso, sustentamos que os conceitos obscuros, presentes em algumas teorias psicanalíticas, por um lado, não contaminam toda a psicanálise de obscurantismo e, por outro, compõem uma constelação de conceitos cuja totalidade se mantém firme como mecanismo de explicação social, como atestam não apenas as pesquisas teóricas no campo das ciências sociais, mas também várias pesquisas empíricas que cujos questionários são estruturados em base também psicanalíticas.

Com efeito, isso não torna a psicanálise uma ciência, mas mostra como se elaborou a fortuna crítica freudiana, a saber, como uma teoria capaz de oferecer indicações de como podemos pensar as relações de sociabilização pela economia e circulação dos afetos. Ou seja, ainda que nos textos a respeito de cultura seja possível recuperar certa pretensão Freudiana em conferir um caráter científico à psicanálise, as ciências sociais usam a gramática psicanalítica sem se comprometerem com a cientificidade dos conceitos da psicanálise, porque o que está em jogo é a capacidade explicativa daqueles conceitos quando articulados a outras categorias científicas.

A história da ciência está farta de exemplos do uso de conceitos por outros domínios da ciência que os aprofunda, desenvolve, mas não lhe reputam como um conhecimento do âmbito pseudocientífico, apenas porque não estariam inscritos num mesmo registro de prova empírica. É nesse contexto que a validade da teoria psicanalítica para as demais ciências

humanas está no seu uso. E vamos mostrar que é também no seu uso na clínica que a teoria psicanalítica ganha a sua validade.

Primeiramente, as teorias psicanalíticas, em seus variados paradigmas, não apelam a nenhuma instância transcendental nem se inscrevem num conjunto de crenças que pretende substituir evidências científicas. É nesse contexto que a clínica psicanalítica não exclui, nem muito menos tenciona retirar a importância de outras ciências que trabalham os conflitos psíquicos num registro mais próximo da testabilidade como, por exemplo, a psiquiatria. Ou seja, a clínica psicanalítica não oferece um cuidado contrário a outras formas de cuidado com a saúde mental, nem pretende ser a única chave de acesso à elaboração dos nossos sofrimentos.

Essas ressalvas são importantes para mostrar que a psicanálise não se outorga uma especialidade de saber que é contrária ao conhecimento científico vigente. Como mostramos, ela é usada nas teorias sociais e ainda existem estudos que tentam associar a psicanálise às neurociências [19, 20] e, nesse contexto, ela se coloca no plano clínico como uma orientação para lidar com os nossos conflitos sob a aposta de que sem uma elaboração de nossas vivências nós temos uma tendência a repetir, ainda que com diferentes configurações, o nosso comportamento. Com isso, a psicanálise não se mostra como uma pseudociência, mas como uma teoria que orienta uma espécie de hermenêutica do sujeito em cujo foco está uma análise do relato que o sujeito faz de si mesmo com vistas a compreender a própria natureza do seu desejo.

É por isso que na psicanálise não operamos com a teoria expressivista do significado. Não se trata de estabelecer uma correspondência de um sofrimento a um fato específico no mundo porque o que está em jogo é o modo como lidamos com os afetos envolvidos numa trama de fatos. Isto é, não se trata de representar um sofrimento segundo o modelo da teoria pictórica do significado ou referencialista, mas de produzir mecanismos de escuta que permitam a pessoa relatar o seu próprio sofrimento com vistas a se implicar nos seus processos psíquicos naquilo que lhe concerne.

Não há, portanto, na psicanálise nenhum apelo a uma solução mágica, anticientífica ou mesmo enganosa, mas apenas um convite para que o sujeito pense sobre o seu desejo, as suas contradições e sobre a forma pela qual ele tem se subjetivado por meio de certos afetos. Com essa concepção deflacionada da psicanálise, do ponto de vista clínico, podemos argumentar que vários excessos teóricos têm sido historicamente

abandonados, como ocorre com as ciências, em função da adoção de um conjunto de crenças, algumas delas mais simples, que se ajustam melhor às demandas da clínica e em cujo centro está o foco na forma como o sujeito reconhece que nem tudo está sob o seu controle ou, de modo mais grave, quase nada.

Nesse sentido, o grande objetivo da psicanálise é realizar uma escuta que permita o sujeito reconhecer que a forma como ele relata um sofrimento tem um caráter performático no sentido de que longe de simplesmente representar um estado de coisas no mundo, o relato tem a função de permitir o sujeito se dar conta de como o desejo se instalou na sua vida psíquica de modo conflituoso e, muitas vezes, contraditórios. Assim, por meio da psicanálise, o sujeito vai tomando consciência daquilo que de fato deseja e pode, por conseguinte, elaborar melhor as suas escolhas e comportamentos. A elaboração do sofrimento se faz pelo seu relato, isso porque a linguagem, como dito acima, tem o poder de causar estados de coisas no mundo ou situações. Nesse sentido, na medida em que vai tomando consciência e elaborando melhor o seu desejo, o sujeito vai conseguindo lidar com alguns sofrimentos.

É evidente que uma clínica que se foca no modo como relatamos o sofrimento de forma singular e a respeito de toda a nossa vida ou de parte significativa dela não pode ter os seus resultados averiguados por uma semântica referencialista, que pressupõe uma teoria do significado expressivista, porque a linguagem com a qual a psicanálise trabalha, isto é, a linguagem do inconsciente, cria o mundo de sentido responsável por influenciar o nosso comportamento. A linguagem aqui não é representação, mas criação. Ela performa. Para que essa performance seja usada para uma elaboração do sofrimento é preciso que o sujeito se relate [19] (expressão de Butler: *given account*) e possa conferir novos significados às suas vivências. Em outras palavras, o que a psicanálise propõe é que para oferecer um destino consciente ao nosso desejo é preciso uma análise de nossas vivências inconscientes. E só há uma forma de imergirmos no inconsciente: falando.

Conclusão

Com o presente artigo, nós mostramos que a psicanálise não pode ser considerada uma pseudociência, pelo menos, por dois motivos. Primeiro, ela não pretende ser científica nem muito menos substituir as atividades científicas vigentes e que se ocupam com o comportamento humano. Segundo, a forma como a psicanálise opera como uma teoria social e como

uma teoria e prática clínica não se apoiam no modelo de justificativa de parte das ciências da natureza, mas isso não impede que ela dialogue com as ciências humanas e com alguns setores da neurociência. Por fim, mostrei que a validade da teoria psicanalítica está na sua capacidade de servir de escuta para as questões sociais e singulares com vistas a oferecer, por um lado, diagnósticos, produzidos nas ciências sociais, da economia social dos afetos e, por outro, ela serve para que as pessoas possam orientar uma narrativa de si por meio da qual elaboram os seus sofrimentos, tomando consciência de seus desejos para lhes oferecer um melhor destino.

Referências

1. FERREIRA CMC. Será a psicanálise uma pseudociência? Reavaliando a doutrina utilizando uma lista de multicritério. Debates em Psiquiatria. 2021;11:1-33
<https://doi.org/10.25118/2763-9037.2021.v11.58>
2. POPPER K. A demarcação entre ciência e metafísica. In: CARRILHO, MM, organizadores. Epistemologia: Posições e Críticas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian; 1999.
3. HANSSON SO. Defining Pseudoscience and Science. In: PIGLIUCCI, M., BOUDRY, M, editores. Philosophy of Pseudoscience: Reconsidering the Demarcation Problem. Chicago e London: The University of Chicago Press; 2013. p. 6178.
<https://doi.org/10.7208/chicago/9780226051826.001.0001>
4. FREUD S. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: _____. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1996. (Edição Standard Brasileira, v. 1, p. 381-517).
5. ASSOUN P. Introdução à epistemologia freudiana. Rio de Janeiro: Imago; 1983.
6. BEZERRA B. Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências. São Paulo: Civilização brasileira; 2013.
7. SCHLICK M. Positivismus und Realismus. Erkenntnis. 1932;3:1-31. <https://doi.org/10.1007/BF01886406>
8. QUINE WVO. Two dogma of empirism. The Philosophical Review. 1951;60(1):20-43. <https://doi.org/10.2307/2181906>
9. FRAASSEN B. A imagem ciência. Tradução Luiz Dutra. São Paulo: Unesp; 2007.
10. KUHN TS. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva; 2006.

- 11. HUME D. Investigação do entendimento humano. São Paulo: Hedra; 2021.
- 12. MEZAN R. O Tronco e os ramos. São Paulo: Companhia das Letras; 2015.
- 13. LOPARIC, Z. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. Winnicott E-Prints. 2006;5(1):1-29.
http://www.interleft.com.br/loparic/zeljko/pdfs/freuwinniAspectos_17.pdf
- 14. FREUD S. O Mal estar na civilização. Tradução Paulo Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2010.
- 15. FREUD S. O Inconsciente. Tradução Paulo Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2010.
- 16. Ricoeur P. Finitud y culpabilidad. Tradução José L. Aranguren. Madri: Taurus; 1982.
- 17. BUTLER J. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. São Paulo: Autêntica; 2015.
- 18. FREUD S. Psicologia das Massas e Análise do Ego. Tradução Paulo Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2010.
- 19. SOLMS M. The Hidden Spring: A Journey to the Source of Consciousness. London: Porfile Book LTD; 2021.
<https://doi.org/10.53765/20512201.28.11.153>
- 20. BEZERRA BC. Neurociências e psicanálise: definindo discordâncias para construir o diálogo. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. 2010;38:145-159.



Érico Andrade Marques de Oliveira



[ORCID](#)

[Lattes](#)